

ESTÉTICA, SUBJETIVIDADE E AUTORIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OLHAR PARA OS ESPAÇOS COMO CONTEXTOS DE MICRO-REVOLUÇÕES

Tatiana Telch Evalte¹
Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre
Associado/a/e ANPAP: Não

Júlia M. Azambuja dos Santos²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Associado/a/e ANPAP: Não

RESUMO

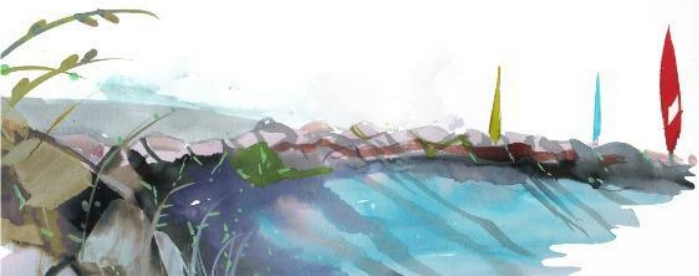
Esta pesquisa investiga pequenos percursos formativos, com docentes da Educação Infantil, a partir de práticas que investem na estética como experiência educativa e política. O estudo parte da análise documental de registros produzidos no contexto de formações, tendo como foco os convites estéticos como estratégias de ressignificação dos espaços escolares. Inspiradas em concepções que compreendem a estética como parte indissociável do viver e do aprender (Dewey, 2011; Santaella, 1994), propomos a valorização do sensível como via de construção do conhecimento e da subjetividade. Ao provocar deslocamentos nos modos de ver e compor os ambientes, os convites estéticos tornam-se catalisadores de reflexões pedagógicas e éticas. Acreditamos que, ao oferecer experiências estéticas às professoras, criam-se aberturas para que elas mesmas proponham tais convites às crianças, reconhecendo a escola como território de experimentação, liberdade e pluralidade.

PALAVRAS-CHAVE

Estética. Educação Infantil. Formação docente. Espaços escolares. Experiência.

¹ Doutora e Mestra em Educação pelo Programa de Pós - Graduação em Educação da UFRGS, na linha de pesquisa Arte, Linguagem e Currículo sob orientação da prof. Dra. Analice Dutra Pillar. Licenciada em Pedagogia pela UFRGS. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte - GEARTE. Editora no periódico online Revista GEARTE e na Revista IDENTIDADES. É Assessora Técnica Pedagógica da Educação Infantil, na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/4190365170162102> ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7767-5036>

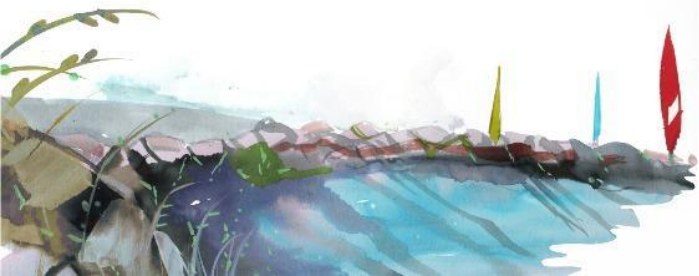
² Doutoranda em Educação Programa de Pós-Graduação da UFRGS, sob orientação da Profa. Dra. Analice Dutra Pillar. Mestre em Educação pelo PPGEDU UFRGS. Membro do Grupo de Pesquisa GEARTE. Especialista em Educação Especial e Inclusiva em Educação Infantil. Pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2019). Atualmente é Coordenadora Adjunta na Unidade de Educação Infantil da SMED Porto Alegre. Experiência na área de Educação, com ênfase em estudos sobre infâncias, linguagens em ateliê e estética. Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/1475327738239784> ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7358-5693>



Em contextos educativos marcados por extremos – sejam eles sociais, ambientais, políticos ou simbólicos – pensar os espaços da Educação Infantil como territórios éticos, estéticos e políticos é mais do que um convite: trata-se de uma urgência. As infâncias vivem imersas em um mundo atravessado por desigualdades e por narrativas hegemônicas que muitas vezes silenciam sua potência criadora, seus modos próprios de existir e suas linguagens. Nesse cenário, a escola pública – e, especialmente, a Educação Infantil – torna-se um espaço de disputa de sentidos e de afirmação de direitos. A forma como organizamos os tempos e os espaços, como nos dirigimos às crianças e com elas criamos relações e ambiências, traduz visões de mundo, projetos de sociedade e concepções de infância. Por isso, este trabalho discute e analisa pequenos percursos formativos realizados com professoras da rede pública, a partir da mobilização de registros pedagógicos – escritos e visuais – com o intuito de compreender como os convites estéticos podem transformar os modos de se relacionar com o cotidiano escolar.

A noção de convite estético é aqui compreendida como uma provocação sensível, organizada intencionalmente nos espaços, com o objetivo de instigar a escuta, a curiosidade e a imaginação. São propostas visuais, objetos, imagens, composições, cenas, arranjos que, dispostos de maneira cuidadosa e intencional, solicitam o olhar atento, convidam à pausa e instauram outras possibilidades de interação com os ambientes, com os sujeitos e com os próprios saberes. Essa perspectiva está fortemente ancorada em uma compreensão de estética como dimensão constituinte da experiência humana e educativa – não como mero adorno ou elemento decorativo, mas como parte inseparável da construção de sentido e da relação com o mundo.

Inspiradas em Dewey (2011) e Santaella (1994), entendemos que a estética atravessa as práticas educativas, não apenas no ensino da arte, mas em todas as dimensões da vivência escolar. Para Dewey (2011), a experiência estética é aquela que promove envolvimento, continuidade e integração entre sujeito e objeto. Ela não se restringe ao museu ou à galeria, mas pode emergir de situações cotidianas, desde que mediadas por uma sensibilidade que permita perceber, reagir, imaginar e criar.

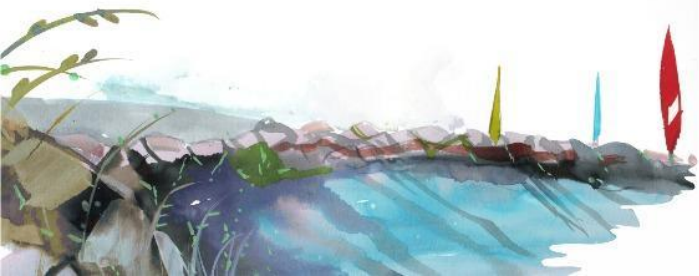


Santaella (1994), por sua vez, contribui ao afirmar que a experiência estética envolve uma percepção ampliada do mundo, promovendo rupturas nas rotinas e instaurando uma abertura ao sensível.



Imagem 1. Compilado de fotos das formações oferecidas em 2025 para as professoras da Educação Infantil do Município de Porto Alegre, acervo das autoras.

Por meio da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa (2010), reconhecemos a importância da tríade: apreciação, contextualização e produção. A leitura de imagens e a fruição estética são tão importantes quanto a criação artística, pois ampliam o repertório visual e sensível dos sujeitos, além de permitir reflexões críticas sobre as imagens que nos cercam. Em um mundo que consome cada vez mais imagens e que a partir delas constroem modelos de ser e estar no mundo, afinar

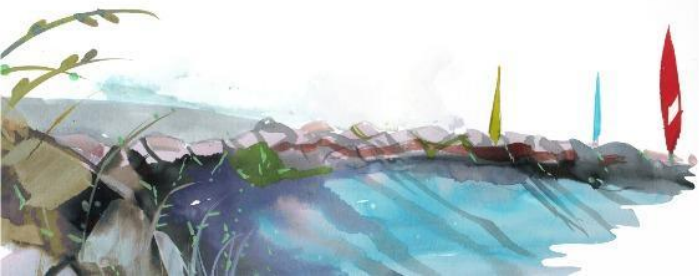


o olhar das educadoras para esse tema é emergente. Ao dar subsídios para a constituição de um olhar mais reflexivo e crítico buscamos também sensibilizar esses profissionais para um olhar atento e comprometido com as manifestações estéticas do cotidiano. Nesse sentido, não se trata apenas de "fazer arte", mas de *viver artisticamente*, compreendendo que a arte e a estética estão no modo como organizamos os espaços, escolhemos os materiais, olhamos para as crianças e conduzimos os processos educativos.

Nessa mesma direção, Maria Acaso (2014) reforça a necessidade de uma revolução no ensino da arte, propondo o rompimento com práticas tradicionais baseadas na cópia e na reprodução, e reivindicando uma estética da experiência cotidiana. Para Acaso, ensinar arte é também ensinar a olhar o mundo de maneira crítica, sensível e inventiva. A autora defende a ideia de que o cotidiano pode ser um território fértil de experiências estéticas, desde que educadores estejam dispostos a romper com modelos rígidos e a apostar na potência dos gestos sutis, dos detalhes, das atmosferas.

É a partir desse referencial que compreendemos os convites estéticos como dispositivos formativos: não apenas estratégias para as crianças, mas também, experiências potentes para as professoras. Ao investir na organização dos espaços formativos – seja na escola, em encontros de formação ou em ateliês temporários – com atenção à estética, estamos oferecendo às educadoras a possibilidade de experimentar com outros sentidos, permitindo-se afetar pelas imagens, pelas texturas, pelas composições. Esses pequenos gestos intencionais, que propõem um direcionamento do olhar, atuam como catalisadores de reflexões profundas sobre o fazer docente e sobre a escola que queremos construir. Reconfiguram a atmosfera dos espaços escolares e formativos, abrindo caminho para outras formas de estar com as crianças – mais sensíveis, abertas e éticas.

A análise dos percursos formativos realizados indica que tais ações têm potencial para romper com lógicas centradas na produtividade, na padronização e na racionalidade técnica. Em vez disso, instauram micro-revoluções cotidianas, nas quais

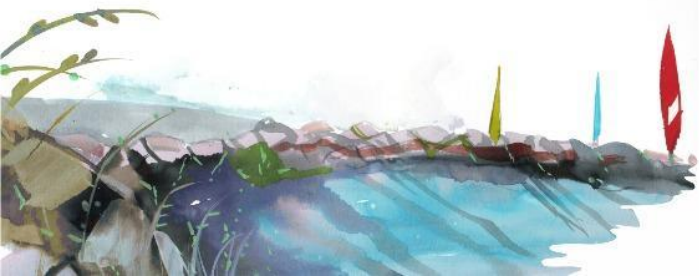


os sujeitos – professoras e crianças – são convidados a experimentar o mundo com mais autoria, presença e escuta. São movimentos discretos, mas não menos potentes, que deslocam certezas, ampliam repertórios e devolvem às educadoras a dimensão criadora e política de seu ofício.

Dialogando com Arendt (2021), entendemos que educar é um ato profundamente ético e político. Para a autora, a educação diz respeito ao mundo e à sua continuidade, exigindo responsabilidade com as novas gerações. A escola não pode se furtar a esse compromisso, e, nesse sentido, cada escolha pedagógica – inclusive a forma como se organiza um espaço ou se apresenta um material – comunica uma visão de infância, de conhecimento e de sociedade. Não se trata de um detalhe estético, mas de uma tomada de posição ética diante do mundo. Os espaços, como afirma Gandini (2001), são educadores: falam, propõem, silenciam, convidam ou repelem.

Nesse cenário, ao oferecer experiências estéticas às professoras, fomentamos nelas a percepção da potência de criar tais convites, também, para as crianças. Cria-se, assim, um ciclo formativo e sensível, no qual a escuta, o afeto e a criação se entrelaçam como práticas emancipatórias. As professoras que vivenciam situações estéticas e reflexivas ampliam sua escuta sensível, reconhecem novas possibilidades de atuação, e tornam-se autoras de espaços mais democráticos e afetivos. Nesse processo, a formação docente deixa de ser apenas um momento de atualização técnica e passa a ser um tempo de reencantamento com o cotidiano escolar.

Ao considerar a estética como prática se reafirma seu papel na formação ética, política e sensível dos sujeitos. Rompe-se, assim, com a dicotomia entre razão e sensibilidade, técnica e arte, conteúdo e forma. Tudo educa. Tudo comunica. Tudo fala. E, nesse emaranhado de relações, cada detalhe importa. Um objeto cuidadosamente disposto sobre um tecido, uma fotografia que convida à pausa, uma flor colhida no caminho e colocada sobre uma mesa: são gestos mínimos que revelam



uma ética do cuidado, uma aposta no vínculo e no afeto como fundamentos do trabalho docente.

Concluimos, portanto, que investir em formações estéticas com as professoras da Educação Infantil é reconhecer nelas agentes criadoras de mundos. Mulheres que, cotidianamente, constroem escolas como territórios sensíveis, plurais e democráticos. Que ousam desafiar os imperativos da pressa e da produtividade para afirmar o tempo da escuta, da atenção e da criação compartilhada. Que reconhecem nas crianças sujeitos potentes, criativos e dignos de experiências ricas e significativas.

Ao promover formações que integrem o sensível, o estético e o político, afirmamos uma pedagogia da presença, do vínculo e da transformação. E, nesse gesto, não apenas ampliamos repertórios docentes, mas também reafirmamos o compromisso com uma escola pública que não abdica de sua função social e formadora: a de garantir às infâncias experiências que as constituam como sujeitos de direitos, capazes de imaginar e construir outros mundos possíveis.

Referências

- ACASO, Maria. Redefinindo a arte e a educação. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- ARENDDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. 36. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- GANDINI, Lella. O ambiente como terceiro educador. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança. Porto Alegre: Penso, 1999. p. 153-170.
- HORN, Maria G. Os espaços como instâncias pedagógicas. In: MACHADO, Maria Zilma (org.). Infâncias e espaços: práticas para outros começos. Porto Alegre: Penso, 2017. p. 45-60.
- LANDOWSKI, Eric. Interações arriscadas. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. Espaços e tempos na Educação Infantil: entre o sensível e o ético. Campinas: Papyrus, 2012.
- SANTAELLA, Lucia. Estética: de Platão a Peirce. São Paulo: Experimento, 1994